

2019/02/03

A Europa e o futuro da NATO

Alexandre Reis Rodrigues

A NATO não tem estado, ultimamente, no foco das atenções mundiais, mas nem por isso deixou de constituir um assunto sério que está em desenvolvimento e não na direção que os adeptos da sua continuação gostariam. Certamente, os europeus em primeira instância, embora, para alguns noutros moldes.



O facto de Trump ter dito que estava a 100% com a NATO e só esperava que os europeus fizessem a sua parte¹ não tem chegado – longe disso – para sossegar os que já concluíram que não vai deixar de questionar a permanência dos EUA, tema a que volta repetidamente no seu círculo interno.² Não é simples conversa de bastidores que tem chegado aos órgãos de comunicação social.

São sinais muito concretos que levaram o Congresso a legislar no sentido de tornar mais difícil esse desfecho e que conduziram à decisão de dar uma dimensão discreta às comemorações do 70º aniversário que ocorre este ano. No primeiro caso, trata-se de uma resolução – *NATO Act Support* – que teve 357 votos a favor e 22 contra e que proíbe o uso de fundos federais para uma eventual saída da NATO, reforça a importância do compromisso de defesa coletiva, apoia o ingresso do Montenegro, recomenda o financiamento da “*European Deterrence Initiative*”³ e subscreve o compromisso europeu de colocar o seu nível de despesa em defesa nos 2% do PIB até 2024. O Congresso conta ainda com o período de um ano - a que o artigo 13º do Tratado exige para que se concretize um pedido de abandono – para quaisquer medidas suplementares de bloqueio da saída dos EUA.

No segundo caso, trata-se da opção de não realizar qualquer Cimeira em Washington, contrariamente ao que foi feito na comemoração dos 50 anos (administração Clinton).⁴ Porquê? Ao que consta, por receio de que Trump aproveite a ocasião para insistir na sua exigência dos “2% já” e volte às críticas que marcaram muito negativamente a última cimeira da NATO.⁵ Em vez da Cimeira ao mais alto nível

¹ «We will be with NATO 100 percent, but as I told the countries, you have to step up defense spending».

² «Senior administration officials told *The New York Times* that several times over the course of 2018, Mr. Trump privately said he wanted to withdraw from the North Atlantic Treaty Organization. *Trump Discussed Pulling U.S. From NATO, Aides Say Amid New Concerns Over Russia* By Julian E. Barnes and Helene Cooper, Jan. 14, 2019.

³ Programa iniciado em 2014, três meses depois da anexação da Crimeia pela Rússia, com a finalidade de reforçar a presença militar americana na Europa.

⁴ “*Defense News*”, 22 jan, Joe Gould.

⁵ “A Cimeira da NATO”, *Jornal Defesa e Relações Internacionais*, 14 jul 2018.

haverá apenas uma reunião ao nível de ministros de Negócios Estrangeiros, no final de 2019, não em abril como é da tradição.⁶

Poderá então concluir-se que, no final, - graças, principalmente, às medidas do Congresso - a Aliança ficou a salvo de perder a participação do seu principal membro, nos tempos mais próximos? Talvez, mas a questão que envolve a NATO não se resume à circunstância pontual da administração Trump, que quer "libertar" os EUA de quaisquer vínculos resultantes da sua participação em organizações internacionais, qualquer que seja a sua natureza.

O problema da NATO é um assunto de fundo que se arrasta há bastante tempo e que tem a ver essencialmente com dois aspetos: clarificação do seu propósito - defesa coletiva da Europa ou instrumento de intervenção global para a manutenção da paz e estabilidade no mundo - e a definição do tipo de parceria estratégica que deve ser estabelecida com a União Europeia, para harmonização com a sua Política Comum de Segurança e Defesa.

Barry Posen, entre outros conceituados académicos - alguns bem mais agressivos que Trump sobre a Aliança -, defende, há algum tempo, que os EUA já deviam ter entregue a liderança da NATO aos europeus.⁷ Sven Biscop, num artigo recente para a revista "Nação e Defesa"⁸ do Instituto de Defesa Nacional, chamava a atenção para a insustentabilidade, política e prática, da atual fórmula de convivência entre as duas organizações, acabando por defender a solução de Barry Posen como a mais adequada sob uma perspetiva de longo prazo.

Não há muita gente com vontade de abordar esta questão - que é delicada -, mas há muito que se tornou por demais evidente que a defesa europeia, mais tarde ou mais cedo, não pode deixar de estar sob a responsabilidade primária dos europeus, através das suas próprias estruturas, sem prejuízo, certamente, da assistência dos EUA, através da NATO. Não faltam sinais deste mais que provável desfecho, pelo menos há mais de uma década.⁹ Trump está apenas a apressá-lo, mas, como de costume, pelos piores motivos - crítica exagerada no que chama défice de comprometimento europeu - e de uma forma desastrada que leva parte dos observadores a pensar que, findo o seu tempo, tudo volta atrás. Não volta, mesmo que o seu esperado desenvolvimento lento, possa dar essa impressão ou manter essa esperança.

Dir-se-á que estando a Europa em afastamento das condições internas necessárias para levar o projeto acima referido para a frente - que pressupõem maior coesão -, são reduzidas as hipóteses de o concretizar de uma forma em que todos acreditem e se disponham a viabilizar. Mesmo tendo presente que é o final para que aponta a Estratégia Global da União Europeia¹⁰ entretanto acordada.

«Precisamos de uma Europa mais forte. É isso o que os nossos cidadãos merecem. É isso o que o mundo espera.»

De facto, os obstáculos políticos ao objetivo acima referido ainda são grandes. No entanto, se as atuais dificuldades de formulação de uma visão comum, entre os dois lados do Atlântico, persistirem sobre alguns aspetos concretos da atualidade internacional - e nada indica que evoluam diferentemente no que respeita a

⁶ A Cimeira dos 60 anos foi realizada em conjunto pela Alemanha e França (Estrasburgo e Kehl) para simbolizar o envolvimento europeu.

⁷ "A NATO e a administração Trump", Jornal Defesa e Relações Internacionais, 15 de janeiro de 2017

⁸ "EU-NATO relations: a longterm perspective", Revista Nação e Defesa, nº 150, 2018.

⁹ Ver, por exemplo, "A defesa coletiva da Europa: responsabilidade da NATO?", Jornal Defesa e Relações Internacionais, 25 junho 2007.

¹⁰ Apresentada formalmente ao Conselho Europeu, pela Alta Representante, em 28 de junho de 2016.

prioridades e forma de lidar com elas – tenderá a diminuir o que tem impedido encarar a reformulação do conceito em que a lógica da Aliança está assente, para evoluir no sentido acima defendido. Eventualmente, os obstáculos desaparecerão quando se realizar que as pretensões que a Europa anuncia de alguma autonomia estratégica – aspiração indissociável de uma identidade própria - são incompatíveis com a atual dependência dos EUA, no campo da defesa e segurança europeia, e com o facto de estar limitada a alguma capacidade expedicionária para intervenções no exterior.